

# DIOGO-CÃO

REVISTA ILUSTRADA DE ASSUNTOS HISTÓRICOS

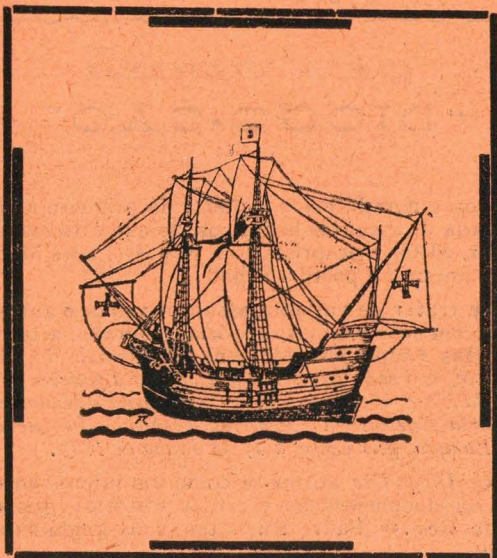
(Com tôdas as licenças necessárias)

Director, redactor, administrador, editor e proprietário

**PADRE MANUEL RUELA POMBO**

(Missionário secular português e antiquário amador)

— COLABORADORES — SELECIONADOS —



## SUMÁRIO:

*Os Portugueses em Angola — Fortaleza do Penedo — Catálogo dos Governadores Monumentos & Arquivos*  
*— História Eclesiástica Os Holandeses em Angola*  
*— A Tentação do Mar*

TIRAGEM 1:000 EXEMPLARES

LUANDA

1932

AGENTE:

AMADEU AMORIM

LUANDA — C. P. 327

VENDE-SE NAS LIVRARIAS:

—MINERVA, na Travessa da Sé

—A LUSITANA, na Avenida Salvador Correia

---

Preço de cada número avulso.....	5,00
Pelo correio e registado.....	6,00

---

## “DIOGO-CÃO”

1.)

Recebemos e agradecemos a oferta do primeiro número desta revista ilustrada de assuntos históricos, de que é director, redactor, administrador, editor e proprietário o Rev.<sup>do</sup> Padre Manuel Ruela Pombo e que ontem foi posto à venda.

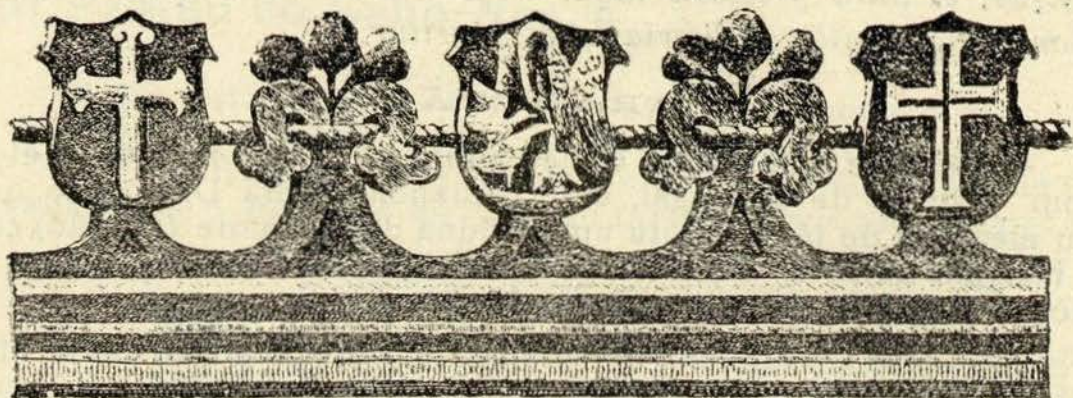
Propõe-se tratar de variados assuntos velhos e antigos angolanos, contendo em suas páginas: história, geografia, arte, etnografia, tradição, lendas e toponímia indígena. O sumário do número, que temos presente, é o seguinte: *Diogo Cão e os 4 padrões — Fortalezas de Luanda — Catálogo dos Governadores de Angola — Monumentos & Arquivos — História Eclesiástica — Medicina Tropical — Juramento da Constituição, em Luanda, pelo Clero, a 19 de Junho de 1823.*

A revista *Diogo-Cão* afirma-se como um interessante repositório de preciosa documentação e crítica histórica, que a paciência beneditina do Rev.<sup>do</sup> Padre Ruela tem conseguido exumar do pó dos arquivos.

Cumprimentamos o nosso prezado amigo e distinto colaborador, com sinceros votos pelo êxito da sua utilíssima iniciativa.

(Do diário—*A Província de Angola*—de Luanda, em 5 de Março de 1932).





## OS PORTUGUESES EM ANGOLA

I

### DIOGO CÃO

*Mappemonde extrêmement curieuse tirée d'un manuscrit du Musée Britannique, dans le quel on remarque déjà marquées les découvertes des Portugais sur la côte occidentale d'Afrique, sous le commandement de Diogo Cão, jusq'au cap de Bonne-Espérance. Ce monument est daté de l'année 1489, c'est-à-dire de cinq années postérieures à ces découvertes.*

#### *Segundo Visconde-de-Santarém*

—*Sous Jean II commence une nouvelle ère pour le Portugal. Ce roi veut acquérir une gloire différente qui a illustré ses ancêtres. Il porte sans cesse un oeil investigateur sur l'océan. Par ses ordres, d'intrépides voyageurs vont visiter les contrées inconnues de l'Afrique*

*Ferdinand Denis*

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 70)

**P**

POSSUÍMOS AQUI NO CANUDO DE NOSSOS MAPAS, COMPRADA no Armazém de Livros da Academia de Ciências de Lisboa, a carta 50 do célebre atlas do Visconde-de-Santarém, que, em estâmpa manuscrita ou por cópia de um tal sábio dr. Kohl, dá o monumento geográfico número 144 ou seja—*Mappemonde dressée en 1489, qui se trouve dans un Manuscrit do Musée Britannique, reproduite pour la première fois*—e ali, na frente do Monte-Negro, lê-se num quádro a seguinte inscrição:

*Ad hunc usque montem, qui vocatur Niger, pervenit classis secundæ Ioan., regis Portugalide, cui.º classis prefectus erat Diægus Canus, qui in memoriam rei erexit columnam marmoream cum crucis*



*insigne; et ultra processit usque ad Serram-Pardam, quæ distat ab Monte-Nigro mille milliaria; et hic moritur.*

#### TRADUÇÃO

—Até êste môte, que é chamado Negro, veio a frota de el-rei dom João II de Portugal, cujo comandante era Diogo Cão, que em memória do feito, erigiu uma coluna de mármore (padrão) com a insígnia da cruz: e passou além até à Serra-Parda, que dista do Môte-Negro 1.000 milhas; e aqui morre.

...e aqui morre.—Na nossa opinião, aliás de pouco valor, Martello quer dizer, aqui, na Serra-Parda, acaba ou morre a descoberta da costa africana feita pelo navegador Diogo Cão, porque noutro quádro, já dobrado o cabo de Boa-Esperança, êle marca: —Ultima navigatio Portugalensium anno D. ni 1489.

É péna, como diz A. Martinho da Fonseca, que a notável obra histórica e geográfica do Visconde-de-Santarém ficasse incompleta e não tivesse continuadores. (*Boletim da S. de G. de Lisboa*, 21.<sup>a</sup> série, número 10).

O erudito escritor Visconde-de-Santarém morreu em Paris a 16 de Janeiro de 1856.

O sr. dr. Jordão de Freitas, director da Biblioteca da Ajúda, publicou em 1909 o livro—*O segundo Visconde-de-Santarém e os seus Atlas Geográficos*—onde, à p. 147, se encontra parte dum officio de Santarém com a descrição do Mapa-Mundi, muito incompleta. Ainda não pudemos averiguar, como Santarém prometeu, se chegou a escrever a análise dêste mapa...

Nos 2 volumes dos *Estudos de Cartografia Antiga*, que foram publicados com os salvados do espólio do Visconde-de-Santarém, mais uma vez o sr. Aires de Sá praticou o seu método confuso...

Em 1863, o Conde-de-Lavradio publicou (em litografia perfeitíssima) êste monumento geográfico do século XV, existente no Museu Britânico, extraído do *Insularium illustratum Henrici Martelli, Germani*.

Temo-lo aqui na obra do d. José de Lacerda—*Exame das viagens do Doutor Livingstone*.

A cópia do Visconde-de-Santarém, pelo menos em arte ou desenho, é bastante inferior e até tem algumas coisitas... acrescentadas.

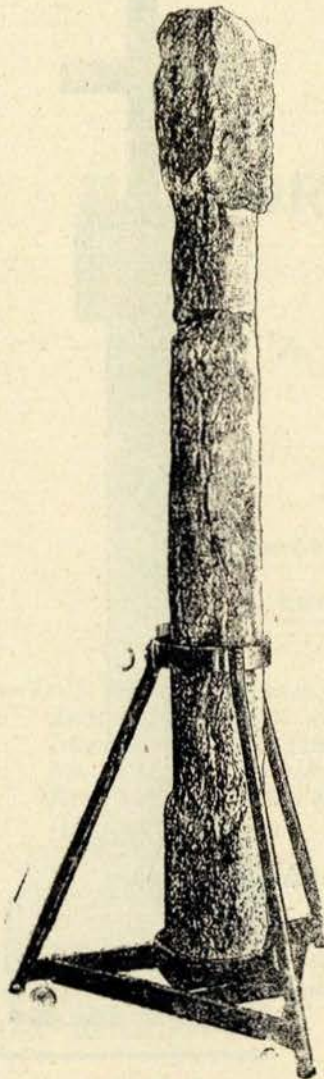
Na Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, onde o consultámos, existe o precioso atlas de Lázaro Luís—*Livro de todo o Universo*—feito na era de 1563, cuja fôlha 4.<sup>a</sup> se ocupa do Congo e Angola minuciosamente.



### III Padrão do Cabo-Negro

**N**a fôrma, é algo diferente dos dois primeiros, no quanto se pode ainda hoje observar e comparar.

Encontra-se também no Museu da Sociedade de Geografia, mas o *Brasão e as letras da inscrição, que deviam ocupar as faces do cubo ou melhor paralelepípedo, em que termina, estão inteiramente obliteradas.*



III Padrão do Cabo-Negro

O governador de Angola, Barão-de-Moçâmedes, numa carta com a data de 26 de Maio de 1787 para Martinho de Melo e Castro, dá notícia d'este padrão, a que chama *pedestal de márco.*

No primeiro volume e único de sua pa-lheirona obra—*Angola e Congo*—em 1887, A. J. Valente, que era escrivão da Alfândega de Moçâmedes, dá muitas notícias dos Padrões de Diogo Cão, mas com fálbas e confusão,

### IV Padrão do Cabo-da-Serra

**É**ste quarto e último padrão de Diogo Cão, ainda em estado excelente de conservação, foi, em 1893, recolhido ao museu da Academia de Marinha de Kiel, na Alemanha.

Guilherme II prestou merecida homenagem ao intrépido navegador português *Diogo Cão*, mandando levantar ou erguer, em Janeiro de 1894, naquele mesmo cabo e lugar, uma reprodução rigorosa d'esse histórico monumento lusitano.

A relíquia sagrada lá deve estar no Museu...

Os padrões da segunda viagem tinham já a inscrição ou legenda em português e latim.

No padrão do Cabo-da-Serra são estas :

**EM LATIM**

*A mundi creatione fluxerunt VIM. VIG. LXXXIV, a Christi nativitate M. IIIIC. LXXXV quum excellentissimus serenissimus-*



*que rex dominus Johanes secundus Portugalliae per Iacobum Canum ejus militem columnam hic situari jussit.*

#### EM PORTUGUÊS

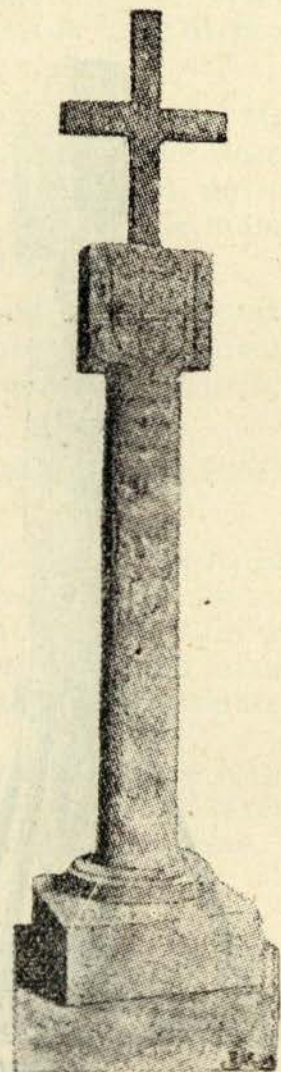
Éra da criação do mundo 6684 e de X:to 1485, o excelente e esclarecido rei dom João segundo de Portugal mandou descobrir esta terra e poer êste padrão por Diogo Cão, cavaleiro da sua casa.

A inscrição em português torneja a parte superior da coluna ou cilindro, e no paralelepípedo está a latina. (1)

Os quatro Padrões tinham no tópo uma cruz, não de ferro, mas também da mesma pedra e embutida com chumbo.

Está plenamente averiguado que a qualidade da pedra dos Padrões é calcárea ou de lioz, vulgar nas chamadas pedreiras de Alcântara, em Lisboa. (2)

(Continua)

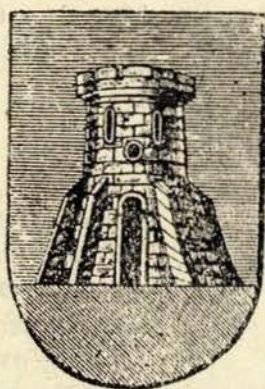


**IV Padrão  
do Cabo-da-Serra**

(1) — Luciano Cordêiro — O último Padrão de Diogo Cão, no *Boletim da S. de G. de Lisboa*, 14.ª série, número 11

(2) — O sr. dr. Fortunato de Almeida, no livro — *Portugal e as Colónias Portuguesas* — 2.ª edição, 1920, occupa-se dos Padrões de Diogo Cão e com informações erradas. — No tomo II da sua *História de Portugal*, às ps. 149-151, e t. III, à p. 731, corrige-se dos erros que publicou em 1920.





# AS FORTALEZAS DE LUANDA

## II

A Fortaleza do Penedo

SAM-FILIFE

(PRIMEIRO ORAGO)

A' memória dos DEPORTADOS BRASILEIROS,

que aqui estiveram presos em 1792

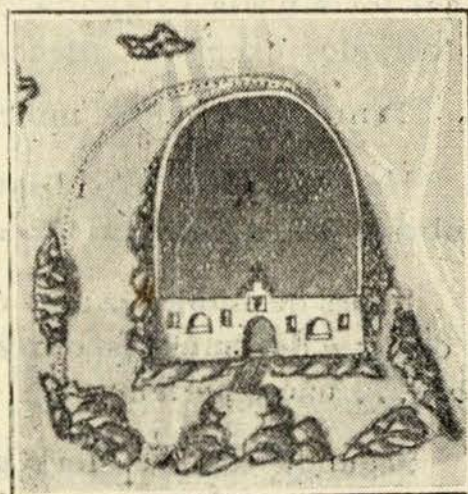
*—Três coisas fazem seguras as Cidades: não poder ser acometidas de improviso, ser fortes por natureza ou arte, e, depois destas coisas, as faz impugnáveis não lhes poderem tirar o socorro.*

*Luís Mendes de Vasconcelos*

### 1—Os Penedos da Madalena



AM-FILIFE FOI O PRIMEIRO padroeiro ou titular da fortaleza dos penedos da Madalena, como vamos ver.

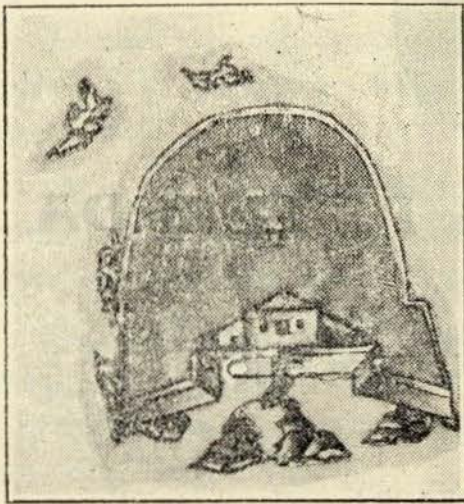


Assim começou o forte do Penedo

Sam-Francisco só o foi no tempo do governador dom Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, depois que a reformou e ligou à terra.



No documento de Garcia Mendes Castelo Branco, por nós já citado tantas vezes, e que foi publicado por Luciano Cordeiro no fascículo I das *Memórias do Ultramar*, às páginas 22 e 23, vem este projecto :



O fôrte do Penedo  
no tempo do gov.  
Luís Lobo da Silva

--A fortaleza, para guardar os navios, se podia fazer nos Penedos, que a farão como a Torre-de-Belém, em Lisboa; que, havendo esta fortaleza não passará navio nem entrará sem licença, que a barra por onde se entre para o pôrto, vai por junto dêles, a ficarão seguros os navios de ladrão os poder tomar nem queimar. A fortaleza será de pedra, que não falta perto donde os Penedos estão, que fazê-la no Mórro-das Lagostas, como alguns dizem, é engâno, que é uma légua de bôca de baía.

## 2—A tradição não é... história

○ brigação é de nós todos o estudo da História-de-Angola, seja qual fôr a nossa categoria. Nas suas páginas encontram-se muitos e variados exemplos, dignos de nossa meditação e imitação.

Tanto em assúntos militares, como religiosos e comerciais.

Hoje em dia, não basta citar nomes ou escritores, é preciso e obrigatório apresentar *Documentos*.

Lopes de Lima fez uma obra muito valiosa, para o seu tempo, é certo; e devemos respeito e consideração à sua memória, mas tal obra... não é perfeita.

Segundo escreve, foi o governador Luís Lobo da Silva quem, em 1687, mandou construir o pequeno fôrte de seis peças no Penedo: o que não é certo.

Por sua vez, o coronel J. Monteiro de Moraes, autor do *Catálogo dos Governadores de Angola*, que a Academia Real das Ciências de Lisboa publicou em 1826, diz que Luís Lobo *também reedificou o fôrte do Penedo* — e diz a verdade.



—A fortaleza de Sam-Francisco do Penedo foi no começo um pequeno forte, construído em uns rochedos ou ilha de pequena extensão e à curta distância da praia; ignora-se o ano da sua fundação...

Por meio do *Documento*, que aqui vamos apresentar e que achámos nos arquivos de Lisboa, provado ficará que a fortaleza do Penedo foi construída no tempo do governador Pedro César de Meneses, antes da invasão dos Holandeses e o seu padroeiro era então Sam-Felipe e não Sam-Luís.

Prestando a nossa homenagem à memória de Lopes de Lima, seguimos o seu exemplo... não só imitando o seu patriotismo, como também aperfeiçoando as suas investigações.

Quando os Holandeses, em Agosto de 1641, ocuparam Luanda, era comandante do forte do Penedo o capitão André Coelho de Melo: assim diz o nosso Cadornega.

### 3—No tempo do gov. Pedro

#### César de Meneses

Os diversos Arquivos de Luanda estão para aí...mortos quasi todos, sendo impossível ou mui custosa a sua consulta aos investigadores de assuntos históricos velhos e antigos. Quanto valem e são preciosos: nós o podemos dizer, porque algumas vezes já os... *cheiramos*... e, nestas páginas, temos citado e citaremos *Documentos* não só da Câmara Eclesiástica e da Secretária Geral, mas também do arquivo do Senado da Câmara de Sam-Paulo da Assunção e das diversas Repartições Públicas.

Eis aqui o nosso documento:

—«Leandro de Miranda, que embarcou, para Luanda, em Maio de 1639 e que, de cinco anos a esta parte, serviu na conquista de Angola, com toda a pontualidade, o cargo de alferes de uma companhia de infantaria, e com a mesma procedeu no de ajudante de sargento-mór daquêlê Reino, que também exercitou, assistindo juntamente ao fazer do forte do Penedo da barra de Luanda, ajuntando para isso todos os petrechos necessários, e officiaes que nêlê trabalharam, até quasi de todo se acabar, no que teve grandíssimo trabalho, sem por isso haver mais salário que o que tinha de ajudante; e, lançando ao mar em Agosto de 1640 o governador Pedro César de Meneses uma armada para ir buscar o inimigo, que andava roubando naquela costa, se houve no aprêsto dela o dito



Leandro de Miranda com muito trabalho e a ciência, fazendo juntamente os alardos da gente de mar e guerra que nela se embarcou; e, indo o inimigo em Agosto de 1641 à praça de Luanda com 18 naus de guerra para se apoderar dela, cumpriu com sua obrigação o dito Leandro de Miranda; no pôsto que se lhe signalou, até que, vendo-se o muito poder do inimigo e que estava senhor da campanha, se retirou o dito governador, acompanhando-o sempre o dito Leandro de Miranda, perdendo toda sua fazenda na entrada que na dita praça fêz o inimigo; e, indo ao sítio da Quiluada buscar o novo arraial, donde estava fortificado, ocupou o mesmo Leandro de Miranda seu pôsto com grande ânimo e valôr, fazendo suas vigias e rôdas à vista do inimigo, havendo muitos rebâtes de parte a parte, até que, vendo a nossa deliberação, se não atreveu acometer, retirando-se ao cabo de 3 dias; e, pondo-se depois em campo o dito Governador por se não poder sustentar naquele sítio, o acompanhou sempre o dito Leandro de Miranda, cumprindo com as obrigações de bom soldado até se retirar ao presidio de Maçangan, donde o promoveu de capitão da artilharia d'êle, o qual cargo serviu com inteira satisfação, até ser reformado por doença; por isto:

Pede à vossa Majestade lhe faça mercê mandar-lhe lançar o Hábito-de-Cristo.

Lisboa, 8 de Julho de 1644.»—

Foi-lhe concedida a mercê, como consta no livro número 79 da então Secção Ultramarina da Biblioteca Nacional de Lisboa, livro que presentemente deve estar no Arquivo Colonial, instalado no Palácio da Ega, à Junqueira.

#### 4—No tempo do gov. Inocencio de Sousa Coutinho

**N**<sup>a</sup> presença dos *Documentos* nenhum valôr podem ter as fantásticas citações de nomes: Féo Tôrres, Capêlo e Ivens, Ladislau Batalha, Henrique de Carvalho...

Dos outros *serventes*—citar os nomes seria uma... profanação literária!!! Nós contentamo-nos com o título de... investigador.

— Para o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Xavier de Mendonça, sobre mandar montar artilharia nos fortes das Necessidades e Conceição, e consertar o de Sam-Filipe do Penedo, e pedir novamente o socôrro:



Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.: Já disse à V. Excia o estado das fortificações, e, examinando todos os armazéns, não descobro nada do que é necessário, e considere V. E. o desgosto que estas coisas me causam, vendo uma praia sempre mansa e aberta por tôdas as partes, sem artilharia e sem soldádos nem munições.

São as fortalezas da Barrá na fórma que exponho à V. E.:

—Na ponta do môrro há a de Sam-Pedro, que principiou a Câmara e acabou o sr. Conde-da-Cúnha; não tinha artilharia porque julgou o meu Antecessor que as 12 peças, que lá estavam, eram mais convenientes na praia junto ao fôrte de Sam-Filipe;

—Segue-se o das Necessidades, que é um pequeno reduto de terra, muito antigo e vale pouco;

—Logo outro pequeno pombal, a que chamam a Conceição, com três peças;

—Imediatamente a esta está o fôrte de Sam-Filipe do Penedo, ficando no mar, o qual na sua maior capacidade montava 5 peças; hoje —nenhuma;

—Da outra parte, está uma estacáda no mar que principiou o sr. Conde-da-Cunha e que seria util se se acabasse.

Neste estado de miséria, não devo crer que se pudesse defender a terra, nem era possível, porque as peças na praia jámais faziam algum efeito na figura que tinham em todo, e muito mais quanto seria impraticável que tam poucas e más trópas esperassem a peito descoberto os inimigos. A' vista do referido, mandei montar a pouca artilharia, que há nos tais fôrtes pequenos e mandei consertar e alargar mais o de Sam-Filipe, de sorte que lhe pudesse pôr duas batarias; feito êste necessário consêrto, julgo a Cidade dependente da cidadela de Sam-Miguel em perfeição e de outra fortaleza na praia de Caquáco e, sem estas óbras, um navio mercante a podia tomar. Insto ao sr. Conde-da-Cunha para que restitua a êste Reino a artilharia que foi lá consertar e espero que, se Vossa Ex.<sup>a</sup> me acudir com o que lhe tenho pedido, porei, no meu tempo, a cidade em total defenza e com a mais módica despesa que fôr possível, de sorte que, para sempre, fiquem evitadas óbras que não seja algum pequeno repáro contra as ruínas



do tempo. Rogo à V. E.: queira continuar-me, a este respeito, as ordens de sua Majestade, beijando-lhe, em meu nome, sua Real Mão. DEUS g.—Sam-Paulo da Assunção, 4 de Agosto de 1764.—Dom Francisco Inocência de Sousa Coutinho.

(Arquivo da antiga Secretaria-Geral de Angola. Livro 64, na lombada e 77, dentro. Ofício n. 31):

(Continua)

Padre RUELA

---

**ADVERTÊNCIA.**—Nas férias do Natal de 1927-1928, fizemos um rápido estudo ou exame aos livros da antiga Secretaria-Geral de Angola, que estavam, em mônte, nos quartos da Cadeia-Velha de Luanda. Continuam em mônte!!!...

Da fábrica de ferro de Nova-Oeiras e da fundação do presídio de Novo-Redondo—brevemente vamos tratar.

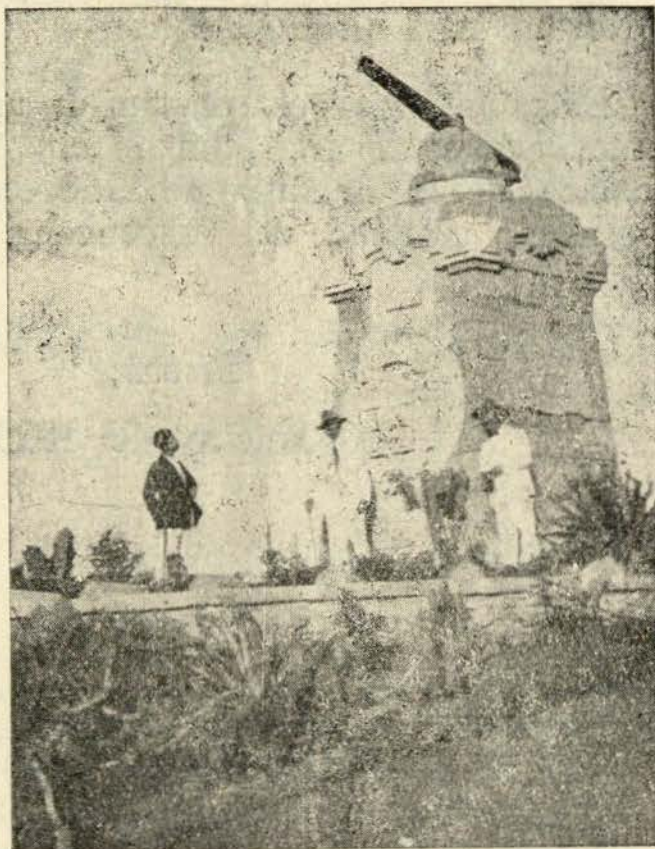
P. R.



# Efemérides Provinciais

CATÁLOGO OU  
LISTA DOS GO-  
VERNADORES  
DE ANGOLA  
COM AS RESPECTI-  
VAS PRÓVAS

Felo sr. prof.  
*Delgado*



(Cont. da pág. 76)

(Canhão histórico)

## V—Dom Jerónimo de Almeida

DÁTAS:



O GOVERNADOR DOM JERÓNIMO DE ALMEIDA não teve paténte. Tinha ido com seu irmão dom Francisco de Almeida (IV), a quem sucedeu, por eleição do Povo, a 8 de Abril de 1593.

*Brasão de  
Angola*

FONTES OU PRÓVAS:

A dáta da posse dêste governador é dada por Luciano Cordeiro à página 6 do fascículo II das *Memórias do Ultramar*.



É certo' que dom Jerónimo já era governador em 22 de Abril de 1593, porque, neste dia, mandou dar posse aos Jesuítas dos terrenos que lhes foram dados por Paulo Dias de Novais, para o seu Colégio.

Estas informações constam de uma Relação dos rendimentos que os Jesuítas tinham em Angola, a qual Relação é datada de 29 de Julho de 1760 e está junta ao officio do governador António de Vasconcelos de 27 de Agosto de 1760.

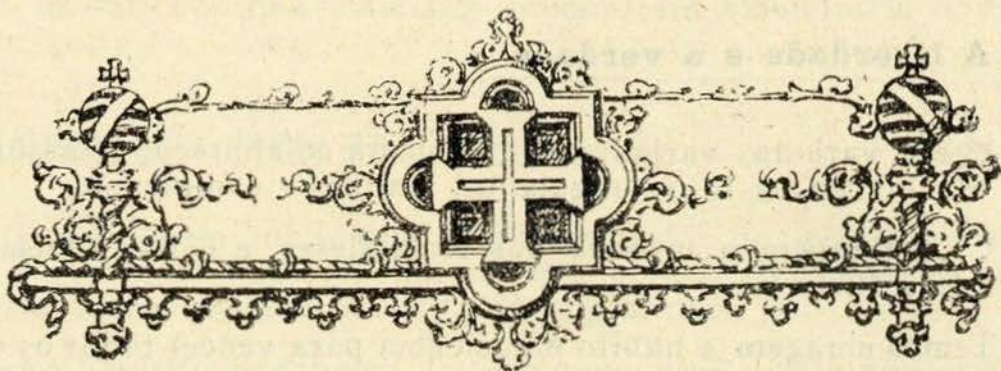
*Lisboa,*

Janeiro de 1929

(Continua)

*Jose Mathias Belgado*





# MONUMENTOS & ARQUIVOS

## PROGRAMA-TESE

(Continuação da pág. 80, e conclusão)



QUI EM ANGOLA, SABEMOS, TÊM SIDO QUEIMADOS MÔNTES de papéis velhos e antigos que eram de altíssimo valor... (*Bol. Of.*—1931, II série, p. 154).

Também não se conservam os *Monumentos* históricos, espalhados pelos 4 cantos da Província...

«A obra material do passado, representativa da sua tradição artística e histórica, merece, hoje em dia, a atenção especial de todos os povos cultos. O monumento é por todos considerado como a mais legítima figuração ativa e perpétua do espírito, da alma nacional, é ele que vai transmitindo, de geração em geração, o sentimento fundo da raça, da integridade colectiva de um povo, a noção mais perfeita e duradoura da Alma-da-Pátria.

«Conservar o *Monumento* é aviventar a tradição, e aviventar a tradição é manter nas grandes agremiações humanas a razão da sua existência histórica—a consciência dos povos. Por isso, em tôdas as nações modernas, a conservação e restáuro desses monumentos são objecto de especiais cuidados.

«A história dos monumentos é para cada povo—diz Ramalho Ortigão—a história da sua individualidade, porque não há monumento artístico que não traduza mais ou menos directamente a acção intelectual e política da sociedade que o concebeu.

(Vitor Ribeiro, na *Revista de História*, IV, p. 21).



## 12—A liberdade e a verdade

Será variada, variadíssima, a nossa colaboração:—assuntos históricos lusò—angolanos, simples e complexos.

...e também a invasão dos Holandeses, e coisas e loisas de Inglêses e Franceses.

Temos coragem e hábito e paciência para vencer todos os obstáculos de tôda e qualquer espécie que se nos oponham no nosso caminho...

Sempre fomos, somos e seremos observador e respeitador escrupuloso da *Lei*, mas... *sub lege—libertas*.

...e *Lei*, até em terras de pretos, nunca foi o odioso e odiado e despótico arbítrio pessoal.

*Ab ira, et odio et omni mala voluntate, libera nos, Domine.*

Quantos crimes não se cometem à sombra ou em nome da *Liberdade*?...e da *Religião*?

Mas...voltemos ao nosso lugar.

«Em Portugal, em vez de encontrar protecção, em lugar de ouvir palavras animadoras de relevação e incitamento, é classificado de incorrecto aquele que, sem certos e determinados *conhecimentos officiais* garantidos por certidões que, bastantes vezes, nada representam,—tenta, sòzinho e à cùsta de um granie esforço, estudar qualquer assúnto ou produzir qualquer coisa» (1)

A quantos lerem as páginas da nossa revista *Diogo-Cão* não pedimos, nem queremos, nem precisamos de que as julguem benèvolamente, porque da discussão nasce...a luz.

*«Quam vero ego in aliorum sententiis, ac scriptis dijudicandis mihi sumpsi libertatem, eandem sibi in me sumant, omnes eos oro atque obtestor, quorum in manus ista veniant. Non illi promptius me monebunt errantem, quam ego monentes sequar.—GROTIUS».*

Como não somos, nem nos julgamos infalíveis, agradecemos a crítica positiva e construtora, que é o mais útil e necessários dos devêres da razão ilustrada.

Corrigir, emendar e...aperfeiçoar—tal é e será sempre a nossa grande aspiração e trabalho de homem e de padre.

Em tais combâtes da péna ou polémicas, costumamos usar um alforje...com dois sacos.



«É missão dos que estudam, procurarem emendar-se uns aos outros.» (2)

### 13—Quem não deve, não teme...

Todo aquele que se queixa da ingratidão dos homens, diz um notável autor, é um imbecil, porque só os imbecis é que contam com o reconhecimento, com a gratidão.

«Ao Espírito-Santo deu *Jesus* o nome de Espírito-de-Verdade; ao mesmo tempo designava o demónio—*mentiroso e pai da mentira e dos mentirosos.*

Omitir circunstâncias, modificá-las, colocá-las fóra do seu lugar e tempo; ocultar o que é desfavorável para nós, aquilo em que temos responsabilidades; interpretar de modo diverso as palavras e actos do nosso próximo:—eis outros tantos modos de faltar à verdade.

Por último diremos: que Leão XIII, nas suas cartas sobre os estudos históricos, ensina que *a primeira lei da História é—não admitir nunca um erro, e a segunda—nunca ocultar a VERDADE.* (3)

Partindo, pois, do racional e honesto princípio de que a melhor maneira de defender o Papado-Romano é mostrá-lo tal qual foi e é, o sábio pontífice Leão XIII franqueou os arquivos secretos do Vaticano aos estudiosos de toda e qualquer espécie.

Quem não deve—não teme: é o caso.

Não faltaram então, em França e também em Portugal, pessoas que todas se arreperaram na sua ignorância e... profetizaram o fim do mundo!!!

*Risum teneatis, amici...*

### 14—A censura...

A revista *Diogo-Cão* é publicada com todas as *Licenças* necessárias.

Empregaremos todo o cuidado e zelo para que os nossos *revedores* não tenham motivos para riscar ou cortar as nossas linhas.

Não nos ocuparemos, repetimos, dos assuntos, que estão arquivados nas páginas do chamado *Boletim Oficial*, isto é, de treze de Setembro de 1845 para cá.



Não discutiremos também sucessos sobrenaturais, nem as verdades teológicas de Fé e de Moral, que, livre e sinceramente e sem hipocrisia, professamos, tais como a santa Igreja Católica Apostólica Romana—em que nascemos e vivemos e havemos de morrer, —quere e ensina e manda.

A nossa História, pois, é apenas humana, e, por isso, se errarmos, não é por malícia, mas por fraqueza.

*Errarre humanum est...*

Declaramos, no entanto, alto e bom som, que não somos fatalista na apreciação dos acontecimentos passados. Outra leis, que não as mecânicas, dirigem e governam o pensamento humano.

Como Bossuet, seguimos a teoria racional da intervenção superior da Providência—Divina, que tam sàbiamente conduz o *Mundo* para o seu fim ou destino.

Aquela teoria da «concatenação das causas e efeitos» de que se disseram inventores Comte e Littré, é mais velha que a... Sé-de-Braga; ou melhor: êles não descobriram a... pólvora, nem com fûmo, nem sem fûmo.

*DEUS* é bom : é certíssimo ; mas *DEUS* também é justíssimo e tem modos diversos de castigar as pessoas, as famílias e até nações inteiras, quando são cometidos abusos e desordens.

«Tôda a boa filosofia nos diz que o homem é a imagem rude de um homem ideal, que essa imagem vive no mundo inconscientemente, e que tôdas as acções dos homens, maculadas de defeitos e vícios, obedecem a um sistema de leis, idealmente sublimes. É esta verdade que o povo consagrou, quando formulou o adágio : —Deus escreve direito por linhas tortas.»

### 15—Os maldizentes

Seguindo os conselhos de Duarte Pacheco Pereira—o Aquiles Lusitano—, botamos ao mais silencioso e significativo desprezo os... «mordedores, maldizentes e murmuradores», a quem falta categoria ou valor moral e mental.

*Per arma justitiae virtutis Dei commendemus nosmetipsos in multa patientia.*

Nem por dinheiro ou hõnas—«muitas e preciosas jóias»—por nada disso se venderá ou alugará a nossa caneta de tostão, fraca mas imparcial e sagrada.



Somos independentes e, por isso, livres e desinteressados; mas sempre sinceros e justos (4)

«A probidade histórica pode ser um acto da vontade, mas não pode conseguir a imparcialidade, que só nasce do desinterêsse.» (5)

Nas séries da revista *Diogo-Cão*, que tencionamos publicar aqui em Luanda, vamos dar preferência a documentos da antiga Secretaria Geral, da Câmara Eclesiástica e do Arquivo Municipal, porque, depois em Lisboa, temos muitos outros papéis de *Angola* para estudar.

Querendo *DEUS*, há-de ser, caros Leitores, êste, mais ou menos, o *Programa* ou roteiro da nossa humilde revista durante a dúzia de anos, que lhe marcamos, de existência.

A 15 de Agosto de 1948—quando celebrarmos o III Centenário da Restauração de Luanda do Pedêr dos Holandeses,—as três mil e tantas páginas, que tivermos publicado, podem fornecer subsídios fáceis, tanto em quantidade como em qualidade, a quem quiser estudar e escrever a *História-de-Angola*, não com fantasias ou lendas, mas com documentos e verdade.

Basta de ignorância...

...e de preguiça...

...e de incómodas irresponsabilidades.

Não é só a nossa inteligência que carece de cultura...

...também o nosso coração...

...também a nossa consciência...

Uma consciência errónea ou viciada ou viciosa,—uma inteligência bruta ou sem preparo,—um coração desenfreado ou libertino: eis aqui, sob o ponto de vista intelectual e moral e até económico, outras tantas causas ou origens da crise de *Angola*, que todos sofremos.

Quem há aqui que não queira o progresso e a felicidade da nossa *Angola*?

A união faz a força...

Maiores crises do que a presente, tem *Angola* sofrido e vencido.

Saibamos imitar o *Patriotismo* dos nossos *Antepassados*.



Não só imitá-los, como ultrapassá-los com santo orgulho.

...e mãos ao nosso trabalho, porque, como lá diz o nosso Cadornega, «*sem princípio não há fim*».

Vila de MUXIMA, Outubro de 1931

Padre RUELA.

---

1) — Levy Bensabat — *Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal*, s., t. II, p. 223.)

2) — Dr. Afonso de Dornelas — *Elucidário Nobiliárquico*, II volume, Maio de 1929, p. 172.

3) — Rev.mo Sr. Cónego Dr. António Ferreira Pinto, professor e reitor do Grande Seminário da Diocese do Pôrto — *Lições de Teologia Pastoral*, 1926, ps. XV, 33, 57.

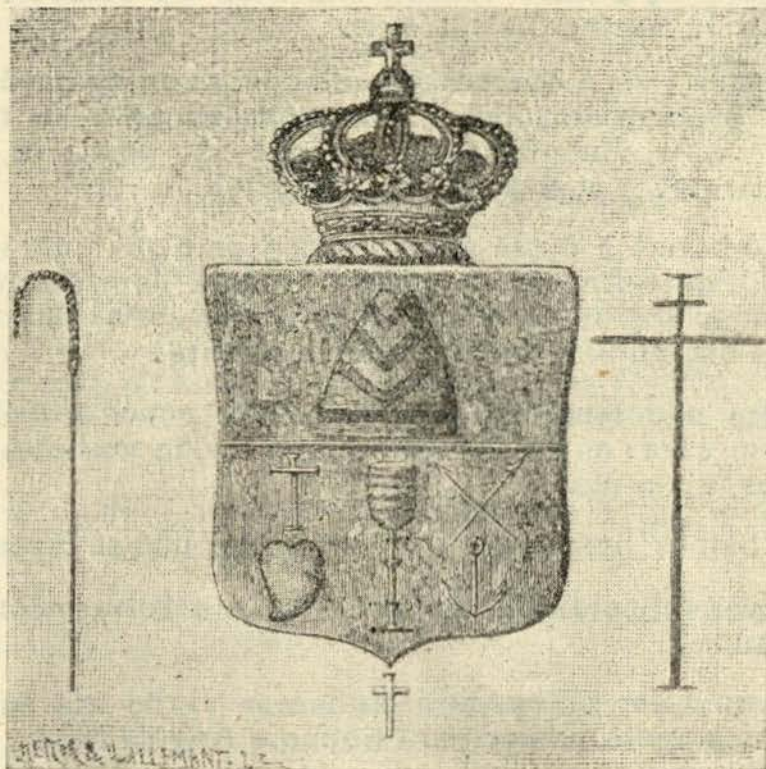
4) — Dr. Mendes dos Remédios — *História da Literatura Portuguesa*, Coimbra, Lumen, 1927, quinta edição, à p. 97.

— Marechal Gomes da Costa — *Descobrimientos e Conquistas*, vol. I, p. 8.

5) — Dr. Fidelino de Figueiredo — *História da Literatura Clássica*, I época, segunda edição revista, 1922, p. 245.



# HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA



## Missões & Missionários

No século XVI, a CRUZ dominava o edifício gigantesco do nosso império ultramarino, e nos sertões da AFRICA, nas florestas da AMÉRICA e nas cidades mais ricas do Oriente, ao lado e muitas vezes adiante dos conquistadores, caminhavam os MISSIONÁRIOS...

Milhões de homens escutaram a sua voz, os templos católicos ergueram-se a par dos pagodes e das mesquitas, e a igreja rural alçou o campanário sobranceiro às flexas dos arvoredos das aldeias—na América e das cubatas—africanas.

### Rebelo da Silva

Não foi só com as armas que se conquistaram as possessões de além-mar, nelas houveram grande parte os missionários. Essas conquistas não só causaram espanto a toda a Europa, senão também mereceram os aplausos dos Sumos-Pontífices, que, reconhecendo nos missionários portugueses os instrumentos da Providência para a dilatação do Reino-de-Cristo, quiseram, como prêmio de tam assinalados serviços à Igreja, engrandecer a Coroa Portuguesa, conferindo aos Monarcas Fidelíssimos o direito de padroado eclesiástico e de conquista nas terras descobertas e por descobrir.

**Mons. Gustavo Couto**





**N**OS NOSSOS COMENTÁRIOS DE DIREITO ECLESIASTICO português ultramarino, de propósito, não fazemos comparações filosóficas, apenas fazemos reconhecimentos de carácter histórico, nacional e católico.

A comparação de épocas ou de nações, embora erudita, pouco ou nada adianta ao facto, e os reconhecimentos, porque são positivos, têm o seu valor justíssimo.

Quando batem à nossa porta e nos pedem qualquer informação sobre História-de-Angola, a nossa resposta nem sempre é dada, porque nos nossos apontamentos, se muitas coisas temos arquivadas, muitas mais nos faltam, verdadeiramente.

Também não temos pressa, nem tam pouco o desânimo nos entra cá em casa: os nossos conhecimentos ou verbetes vão sendo aumentados, dia-a-dia.

Os trabalhos literários do investigador não se fazem rápidos.

Mistérios, dificuldades, dúvidas—só se resolvem com... paciência e estudo.

No nosso número passado tínhamos vindo até Sam-Tomé e Congo: vamos agora passar para Congo e Angola.

(Continuação da página 84)

#### IV — CONGO E ANGOLA

O bispado de Congo e Angola, separado do de Sam-Tomé, foi creado por Clemente VIII, pela bula *Super specula* de 20 de Maio de 1596, a pedido de dom Filipe, II de Espanha e I de Portugal, e de el-rei de Congo dom Álvaro II, e ficou sufragâneo do arcebispado de Lisboa.

—*História do Congo*, por Jordão ou Visconde de Paiva Manso, às ps. 142-146.

—Bull., I, 256-258.—Font., 402.—Corpo Dip., XII, 65-69.

O oiteiro ou lugar ou cidade ou m'banza de Santa-Cruz do Salvador de Congo — popularmente Sam-Salvador de Congo — foi elevado à séde episcopal, e a sua igreja paroquial—à catedral, com a invocação ou titular de Sam-Salvador. A bula marca também o número dos cônegos, a sua cõgrua e atribuições. A título de fundação e dotação, Clemente VIII dá o direito de padroado aos Reis de Portugal, mesmo na primeira vez.



Neste tempo, no Congo e em Angola, havia mais de 30 mil povoações—*in quo triginta millia oppida circiter connumerantur*.

Logo que tivermos regulado o nosso expediente, será publicada nesta nossa revista a bula *Super specula* com a sua tração portuguesa ao lado.

Quando fizermos o catálogo dos bispos, havemos de referir a origem ou factos que impuseram a criação da diocese.

## V — ANGOLA-E-CONGO

**A**pós a morte, que não foi violenta, do bispo, grande patriota, dom frei Simão Mascarenhas, na m'banza de Santa Cruz do Salvador ou Sam-Salvador de Congo em 1626, o bispo dom Francisco do Sovral, que lhe sucedeu, fixou a sua residência na cidade de Luanda, e a diocese começou a ser chamada de Angola-e-Congo e assim até nossos dias.

(*Ensaio* — de Lopes de Lima, vol. III, parte I, ps. 159, 160 e 160-A).

(*História do Congo* — de Paiva Manso, documentos CIV, CXXIV, CLXIV e CLXV).

Relativas a este período, andam por aí impressas umas informações... maliciosas e sem fundo algum de verdade. De facto, o pápa Paulo V quis saber as razões por que o bispo dom Manuel Baptista não residia em Sam-Salvador e este justificou-se. O referido bispo Baptista veio para Luanda em 1606 e aqui faleceu em 1621.

Voltaremos a este assunto, mais tarde.

## VI — BRASIL-BAÍA

### Regência de dom Pedro II

**P**or bula do pontífice Inocêncio XI, de 16 de Novembro de 1676, —*Inter pastoralis officii curas*—passou o bispado de Angola-e-Congo a ser sufragâneo do arcebispado de Salvador, na Baía de Todos os Santos, Brasil, desligando-se do arcebispado de Lisboa.—*Bullarium*, t. II, p. 162.—*Fontes*, p. 432.

Sebastião da Rocha Pita ocupa-se d'este assunto no livro III, § 27 da sua *História da América Portuguesa*.

O documento CXCVII da *História do Congo* do Visconde de Paiva Manso é uma relação das missões e paróquias de Angola, mandada para Lisboa em 1694 pelo governador Gonçalo de Alcá-



coba Carneiro Carvalho da Costa de Meneses, conforme consta no livro X da Câmara Eclesiástica de Luanda, à fl. 154 e seguintes.

Na *Secção Ultramarina*, existente, em 1929, na Biblioteca Nacional de Lisboa, nas caixas da Baía, documentos 348 e 350, encontravam-se estas duas informações:

### 1—Ilha de Sam-Tomé

Foi erecta a Igreja de Sam-Tomé (cuja jurisdição se extendia até os Reinos de Congo e Angola) em bispado pelo pápa Paulo III, em o anno de 1534, a instância do sereníssimo senhor Rei dom João, o III, e foi seu primeiro bispo dom Diogo Ortiz de Vilhegas.

Tem de côgrua annual êste bispado, paga pela Fazenda-Real na fôlha eclesiástica, um cônto de réis para o bispo, provisor, vigário-geral, mais officiaes e para esmôlas.

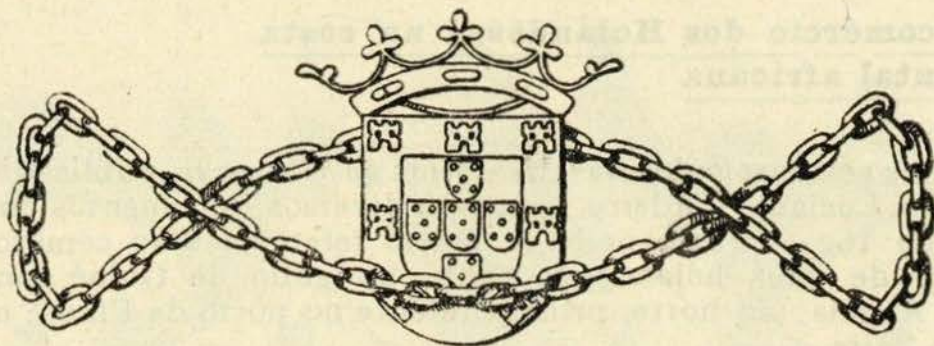
Teve o penúltimo bispo de Sam-Tomé (dom frei João Saàgun — com retráto a óleo na Galeria dos Bispos do Paço Episcopal de Luanda) um cônto de réis de ajuda e é mui provável que o último bispo daquela Ilha (dom frei Leandro da Piedade — também com retráto na referida Galeria) tivesse a mesma ajuda de côsto, ainda que não acho clareza por onde fôsse dada.

Não me consta a rênha incerta, que tem, antes me parece; será de pouca quantia, pela pobreza a que se acha reduzida a dita Ilha.

Há nela um Convento de Agostinhos-Descalços, a que neste Reino se chamam *Grilos*, e outro Convento de Barbónios, italianos, e têm êstes também um Hospício na ilha do Príncipe, que está sujeita ao govêrno e bispo de Cabo-Verde.

(*Continua*)





NO TEMPO DOS FILIPES...

## Os Holandeses contra os Portugueses

— INTRODUÇÃO —

(Continuação da p. 88, e conclusão)



EVIDAMENTE ORGANISADA E LEGALISADA, A COMPANHIA das Índias Ocidentais deu então princípio à sua empresa marítima: entre os seus administradores e directores e conselheiros foram discutidas, em segredo, as normas comerciais, que mais vantagens podiam dar ou trazer.

Os interesses particulares surgem logo na frente dos interesses nacionais, de sorte que a inveja e a rivalidade também começam a dificultar a vida da Companhia privilegiada.

— Desde o começo, foi o Brasil designado como o ponto principal para onde deviam tender os esforços da nova Companhia, mas os directores, enquanto acudiam com regulamentos oportunos à direcção do comércio, guardavam segredo rigoroso acerca de seus planos, se... os tinham, políticos. —

Os ataques dos Holandeses contra o Brasil começaram em 1590, mas a primeira aquisição territorial, à custa de Portugal, foi a tomada da cidade da Baía, que era capital, em 1624, Olinda e Pernambuco em 1630.

A cidade da Baía foi logo reconquistada pelos Portugueses no dia primeiro de Maio de 1625.



### 5—O comércio dos Holandeses na costa occidental africana

Nos seis fascículos das *Memórias do Ultramar*, publicados por Luciano Cordeiro, constam diversos documentos ou relações, de 1623 a 1629, onde se fazem referências ao comércio ou resgate de naus holandesas, tanto no golfo de Guiné como na nossa Angola, ao norte, principalmente no pôrto de Pinda, na foz do rio Zaire.

De 1623 a 1639, isto-é, no tempo dos governadores dom frei Simão Mascarenhas, Fernão de Sousa, dom Manuel Pereira Coutinho e Francisco de Vasconcelos da Cunha, os corsários holandeses, atrevidos, fizeram as suas tentativas para ocupar ou...roubar o pôrto de Luanda, mas foram escoraçados, devido à energia portuguesa e ao fraco poder de seus navios de combâte.

Os Holandeses faziam também o seu comércio clandestino com os pretos, pela costa para o sul, até Benguela-a-Nova.

—*Em Angola, desde o comêço da século XVII, em que os Holandeses principiaram a infestar as costas, os habitantes tinham sempre os olhos cravados no mar e os últimos governadores João Correia de Sousa, Fernão de Sousa, dom Manuel Pereira Coutinho e Francisco de Vasconcelos da Cunha, atribulados pelos continuados rebâtes dos navios da Companhia de Amsterdão, só a preço de repetidas vigílias alcançaram cconservar os territórios da sua administração, entregando aos sucessores as fortalezas incólumes e a sua bandeira ilesa.*

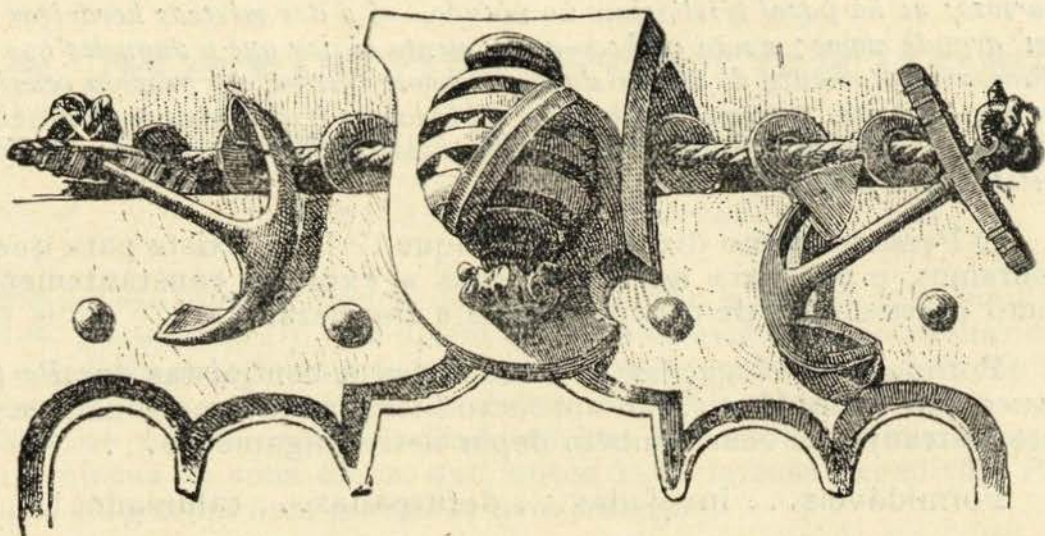
Sabemos que o famoso almirante Pieter Heyn foi um dos comandantes de esquádra que, logo em 1624, lá do alto mar...se contentou...sòmente de contemplar a cidade de Sam-Paulo de Luanda!

—...navegava da Baía para Angola o almirante holandês Heyn, onde chegou a 30 de Outubro de 1624 com seis navios e 2 patachos, guarnecidos de 120 canhões, resolvido a invadir a cidade de Luanda, mas...não ousou desembarcar.—

Nesta nossa *Introdução* ficaram apontadas, embora resumidamente, as causas remotas da Invasão Holandesa do pôrto e cidade de Luanda: no número seguinte, passaremos então a estudar as causas próximas e o facto.

Presídio de MUXIMA, Julho/1932





## A Tentação do Mar

REUNIDA, ENFIM, TÔDA A FROTA, QUE SE COMPUNHA DE 63 NAUS DE CARGA, 27 TRIRREMES, 32 BIRREMES E 120 NAVIOS DE OUTRAS ESPÉCIES ...

**Mestre MATEUS DE PISANO**—*De bello Septensi*, segundo a versão portuguesa do cl. de engenharia Correia Pinto, à pág. 37.

### Com licença...



**Q**UEREMOS FAZER A VULGARIZAÇÃO — DÊSTES conhecimentos de direito internacional marítimo — por todos os cantos de *Angola*, para que, na sua patriótica leitura e meditação, os nossos verdadeiros e justos sentimentos políticos mais cresçam, mais se afervorem, sem distinguir classes nem raças.

... somos todos *Portugueses*.

Em verdade, o Passado garante-nos um Futuro feliz, mas, *fides sine opéribus mortua est*, queremos dizer: é preciso mais trabalho, não bruto, mas sim racional ou científico, e menos palavriado dêsse que é ôco e ridículo e prejudicial.

— *A lembrança das nossas glórias passadas não deve ser para nós uma Cápua declamatória, em que nos deixemos adormentar; mas será, pelo contrário, o mais nobre de todos os estímulos, porque, se há morte*



*desprezível e humilhante,—é a morte obscura de quem nasceu em berço glorioso: se há papel tristíssimo no mundo,—é o dos míseros herdeiros de um grande nome; e não conheço aviltamento maior que o daqueles que se ufanam ineptamente de ter herdado um nome ilustre, na própria ocasião em que o deixam entregue aos baldões de tôdas as ignomínias.—(Pinheiro Chagas—à pág. 128 da sua Conferência *Descobrimientos dos Portugueses na África*).*

O Passado, como diz o sr. Henrique Galvão, existe para que o honremos, e não para que o andemos a explorar constantemente como passa-culpas de certos defeitos e fraquezas.

Porque as navegações & descobertas & conquistas dos *Portugueses*, por formidáveis, são um facto histórico internacional, escritores estrangeiros vêm também depor neste julgamento...

Formidáveis... invejadas... deturpadas... caluniadas!!!

— *PORTUGAL* — conquanto pequeno e acanhado e quasi que não tido entre as nações de hoje senão em mínima cõta, — conseguiu contudo outrora, pelas virtuaes e ousar aventureiro de seus filhos, elevar-se a tam grande auge de glória que se tornou alvo da inveja de todos os povos! Como nenhum pôde, não direi já ofuscar, mas nem ainda embaciar sequer o lustre do nome portuguez, o qual a Fama denunciando por tôda a parte os seus feitos famosos, apregoava sôbre todos ilustre e acima de competência, — quiseram vingar-se. Não puderam então fazê-lo: tentam-no hoje, procurando tirar vantagem da distância dos tempos e vicissitudes das coisas. Enganam-se... — (Dom José de Lacerda — à p. 609 do seu livro *Exame das viagens do Doutor Livingstone*).

Apesar de tudo, a nossa *Raça Lusa* ainda hoje em dia é ousada e corajosa e capaz de tôdas as bravuras, de todos os sacrificios, o que nobremente nos orgulha e consola e dá fôrças, graças a DEUS!!!

Temos, bem o conhecemos, alguns defeitos, mas a êstes são superiores, bem superiores, as nossas belíssimas e exemplaríssimas virtudes ou qualidades, tanto domésticas como sociais.

(Continua)

**Padre RUELA**



# A Marinha Portuguesa

— NO REINADO DE DOM FERNANDO —

PELO VISCONDE-DE-SANTARÉM

Não são menos dignos de nossa atenção e estudo os numerosos *Documentos* (1), que dizem respeito ao estado de nossa marinha e comércio anteriormente à famosa expedição de *Seuta*. Sem réplica elles refutam as asserções de certos escritores estrangeiros, que, por falta de nossas antiguidades históricas, se aventuraram a afirmar, em muitas de suas obras, que, antes dessa famosa expedição, *Portugal* não tinha nem marinha, nem finanças.

(*Quadro Elementar*—tômo II, p. XII).

---

(1)—Tômo I, ps. 215, 237, 266, 272 e 279.

## As Razões das Descobertas . . .

PELO SR. AIRES DE SÁ

Foram cinco, segundo Zurara, as razões que levaram o duque de V.zeu (ou o Infante-dom-Henrique) a intentar os Descobrimientos:

- I) conhecer os segredos do Mar-Tenebroso,
- II) entabolar relações comerciais com os povos que por-venturase encontrassem,
- III) abater o estandarte do Islam que, segundo as informações colhidas no norte da Africa, dominava com poder imenso além do Cabo-Bojador,
- IV) procurar cristãos que o ajudassem contra os árabes.
- V) converter à Fé de Cristo os que a não conhecessem.

Simplificando: o Infante-dom-Henrique queria descobrir novas terras, desenvolver o comércio e defender e propagar a Fé de Cristo.



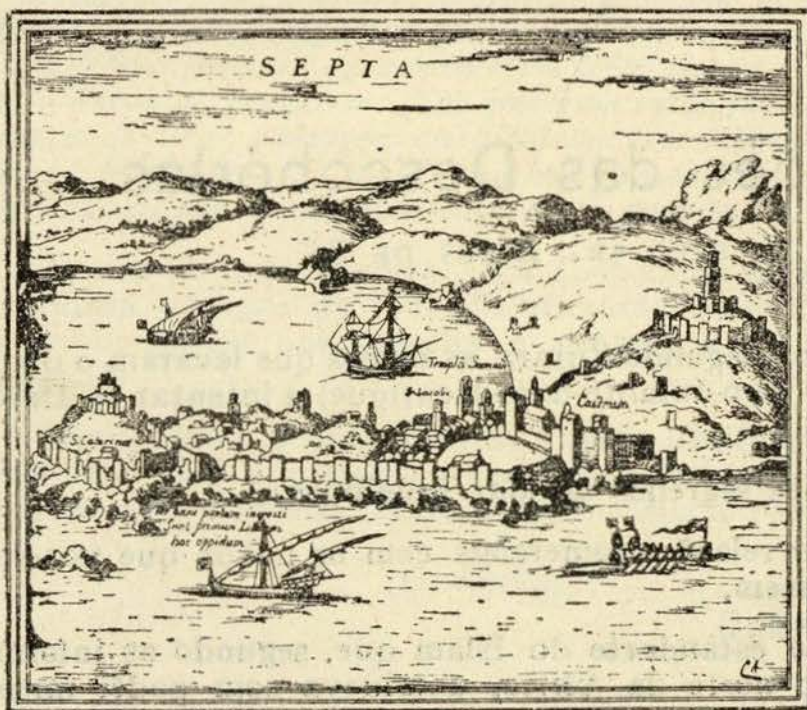
Simplificando, ainda : o Infante-dom-Henrique queria engrandecer a Pátria e o Cristianismo,

(Frei Gonçalo Velho—na p. XCV do I volume).

**Nota do p. R.**—Gomes Eanes de Zurara dá mais uma VI razão astrológica, que era de alto valor naqueles tempos supersticiosos. A *Crónica do descobrimento e conquista da Guiné* tem o preço de 400 escudos, razão porque ainda não a temos na nossa modesta estante...

## Seuta e não Ceuta

**S**epta, quae Latinis civitas; Lusitanis Seupta appellata; secundum classicos autores a Romanis in faucibus freti Herculei aedificata...



—Ioannis Leonis Africani *Africae Descriptio*— edição de 1632, à p. 409.

**E**sta Cidade, chamada antigamente *Septa*, tinha sido em parte construída e fortificada pelo imperador Justiniano, e era a melhor praça da Mauritânia, cêntro do comércio de Damasco, da Líbia, de Alexandria e de

outros Reinos e Estádos com as Nações da Europa, que por ela exportavam e recebiam os produtos da sua recíproca indústria.

—«ANAIIS» de Quintela, t. 1, p. 64.



**S**euta—a Septum ou Septa dos romanos, a Sebta dos árabes—fica nas abas do monte Ábila, separada da Espanha por um estreito apenas de cinco léguas.

O monte Ábila foi chamado antigamente *Septem Fratres* por causa dos seus sete cimos.

—O PANORAMA—vol. V e p. 262.

**S**euta ou Septa, em parte construída e fortificada pelo imperador Justiniano, era o porto principal de Marrocos, por onde se fazia todo o comércio do Oriente com as nações da Europa Ocidental. Era ali onde se reuniam os exercitos dos mouros para as invasões da Península-Hispânica.

—O Infante de Sagres de Fortunato de Almeida, na nota 1 da p. 29.

**Nota do P. R.**—O sr. dr. David Lopes, no entanto, á pág. 272 da Revista Lusitana, volume 24, defende as formas CEITA e CEPJA, por...fanatismo marroquino. Também se ocupa do mesmo assunto, pelo menos, ás ps. 56 e 230 do volume III do Boletim de Segunda Classe da Academia de Ciências de Lisboa, 1910.

21 de Agosto de 1415

POR ERNESTO DE VASCONCELOS

**R**ecordar Seuta é revigorar no nosso espírito a ideia do que foi a intrepidez e a fé dos que foram combater pelo engrandecimento da Pátria, abrindo caminho para outros cometimentos.

A situação geográfica de *Seuta* era, realmente, tentadora para quem sonhava dilatar a sua esfera de acção. Não era somente uma posição militar de primeira ordem, era um empório de preciosidades do Oriente.

Seuta, tomada pelos *Portugueses* em 1415, conservou-se sob o nosso domínio até 1580, em que o jugo espanhol, pesando sobre o



país e suas colónias até 1640, nos devia privar de um tam importante ponto de apóio à entrada do Mediterrâneo, porque não foi rehavido.

O tratado de paz entre dom Afonso VI e Carlos II rei de Espanha, feito por mediação de Carlos II rei da Gran Bretanha e concluído no convento de Santo-Elói de Lisboa aos 13 de Fevereiro de 1668, pelo seu artigo segundo, mandou restituir a Portugal as praças de que a Espanha se apossara e que nesta restituição não entrasse a cidade de Seuta, que devia ficar em podêr do *Rei-Católico*, «*pelas razões que para isso se consideraram*».

—«Boletim da Sociedade de Geografia, de Lisboa» —V centenario da tomada de Seuta, 21 de Agosto de 1915.

---

*Nóta do p. R.*—*Temos aqui na nossa mesa de trabalho este Tratado de 13 de Fev. de 1668, na Colecção cronológica da legislação portuguesa de Andrade e Silva, 2.ª série, 1657-1674, ps 136-141 e no tómo I da Colecção dos Tratados...de Borges de Castro, pgs. 357-391, completo.—No tómo II do Quadro Elementar de Santarém está o resumo à p. 124.*

---

## Relíquias Históricas

PELO SR. ALM. GAGO COUTINHO

**B**em sei que não é fácil averiguar a verdade histórica das antigas navegações portuguesas por falta de *Fontes* análogas àquelas de que dispõem os espanhóis, porque parte da documentação era conservada secreta, por medida política; mas os navios não podiam deixar de fazer a sua navegação com cartas e diários, que de-certo existiam, embora não apareçam. Além disso, os Portugueses nunca foram muito avaros de conservar relíquias históricas, em contraste com outros povos...

(*No Prólogo da Conferência de Mons. Gustavo Couto—«O cosmógrafo Fernão Vás Dourado»*).



## O Testamento de Adão

**O** conhecimento destes factos torna verosímil a frase attribuída a Francisco I, a propósito da repartição dos mares entre Espanha e Portugal: — *Desejava ver o testamento de Adão, que me excluí da partilha do mundo...*

Em todo o caso, não eram sô Portugal e Espanha que adoptavam o regímen do exclusivo da navegação e comércio...

(Do sr. dr. Paulo Merêa).

---

**Nóta do p. R.** — A frase histórica é a seguinte, segundo a dá Charles de la Roncière no III volume da sua monumental *Histoire de la Marine Française*, 2.<sup>a</sup> edição de 1923, à p. 300: — *Le soleil luit pour moi comme pour les autres; je voudrais bien voir la clause du testament d'Adam qui m'exclut du partage du monde.* — Roncière cita a fonte—*Le cardinal de Tolède à l'empereur, 27 Janvier 1541. Archives de Simancas, Estado Castilla, legajo 53, fl. 333.*— Conhecemos outras variações literárias da referida frase.

## A História da briosa Marinha Portuguesa

(Cont. da p. 64)

**H**á uma grande variedade de opiniões entre os nossos Escriitores sôbre as verdadeiras épocas de muitos dos antigos Descobrimtos: eu segui nestas Memórias os que me pareceram mais prováveis, sem entrar na discussão de cada uma delas...

*Anais de Quintela, t. I, nóta (1) da p. 107.*

---

**P**areceu-nos aqui logar próprio para notar, em geral, que algumas das diferenças que se encontram nos antigos Escriitores a respeito de datas, e que talvez parece que embarçam a cronologia dos Descobrimtos, se devem attribuir, segundo o nosso Juízo, a que uns tomavam por época de tal ou tal expedição e descobrimento—o ano em que os Navegadores partiam de Portugal, outros—o ano em que chegavam à costa de África e efectivamente tocavam o ponto descoberto, o que muitas vezes sucedia



no ano seguinte ao da saída, e outros, finalmente—o ano em que voltavam ao Reino e se divulgava a notícia...

«*Obras completas*» do Cardeal-Saraiva, t. V. p. 58 ou «*Indice Cronológico*», ed. de 1877, à p. 9.

---

## Bênção... Arqueológica

Recebemos. de Lisboa, dos nossos Confrades Ex.<sup>mos</sup> Senhores Gusmão Navarro e Cardoso Marta a seguinte Cartinha, com data de 28 de Maio:

*Creia que muito nos penhoraram as palavras que dedica à nossa Feira da Ladra na sua excelente revista Diogo-Cão.*

*A Feira, se alguma autoridade tem, é, a nosso ver, só a da precedência; mas com toda a boa vontade lança a sua arqueológica bênção à filha mais nova, desejando-lhe uma feliz viagem através dos mares bravos da publicidade.*

Aqui fica arquivado o nosso agradecimento.

*Presídio de MUXIMA, 30 Julho de 1932*

**Padre Ruela**

Com a licença da Autoridade Eclesiástica

**Visado pela Comissão de Censúra**

COMPOSTO E IMPRESSO  
na TIPOGRAFIA MINERVA  
\* LUANDA \*



2.)

Editada pelo Rev.<sup>do</sup> Padre Manuel Ruela Pombo, iniciou a sua publicação a interessante revista — *Diogo-Cão* — que se propõe tratar de vários assuntos: história, geografia, arte, etnografia, tradição, lendas e toponímia indígena; e de que o mesmo senhor é director, redactor, administrador e proprietário.

A tam útil como interessante publicação desejamos as maiores prosperidades com os desejos de longa vida.

(Da — *Última Hora* — de Luanda, em 8 de Março de 1932).

3.)

Honrou-nos com a sua visita a interessante revista *Diogo-Cão*, ilustrada, de assuntos históricos, de que é director, redactor, administrador e proprietário o nosso amigo e rev.<sup>do</sup> Padre Manuel Ruela Pombo.

Contém 32 páginas; é composta e impressa na bem conhecida «*Empresa Gráfica de Angola*» e versa sobre assuntos de história, geografia, etnografia e outros de elevada importância e utilidade, o que por certo a deve tornar recomendável aos que se dedicam ao conhecimento de assuntos coloniais.

Agradecemos e desejamos longa vida.

(Do — *Boletim da Liga Nacional Africana* — numero 5).

4.)

Agradecemos a gentileza da oferta, que nos foi feita, do numero 1 desta interessante publicação.

É seu fundador, proprietário e director, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Padre Manuel Ruela Pombo, estudioso e competente investigador da História-de-Angola.

*Diogo-Cão* é, pois, uma revista destinada a compendiar os factos históricos desta Colónia.

Felicitando o sr. Padre Ruela pela sua importante iniciativa, desejamos à *Diogo-Cão* uma longa vida.

(Do — *Boletim da Associação Beneficente dos Empregados do Comércio de Luanda* — Série de 1932, numero 2, à p. 7).

(*Continua*)



# Petipé... literário

- I) — A revista ilustrada *Diogo-Cão*, de vários e variados assuntos velhos e antigos angolanos, contém nas suas páginas *material* sôbre:

HISTÓRIA

GEOGRAFIA,

COMÉRCIO,

CIVILIZAÇÃO,

ARTE,

ETNOGRAFIA E

CRÍTICA.

- II) — Tôda a *colaboração*, tanto a literária como a artística, é solicitada ou pedida directamente por nós.
- III) — Os artigos ou trabalhos assinados são da absoluta *responsabilidade* de seus *autores*.
- IV) — Não são permitidas *polémicas* de carácter pessoal ou individual.
- V) — A revista *Diogo-Cão* publica-se em *séries* de 10 números, tendo cada um, pelo menos, 32 páginas.